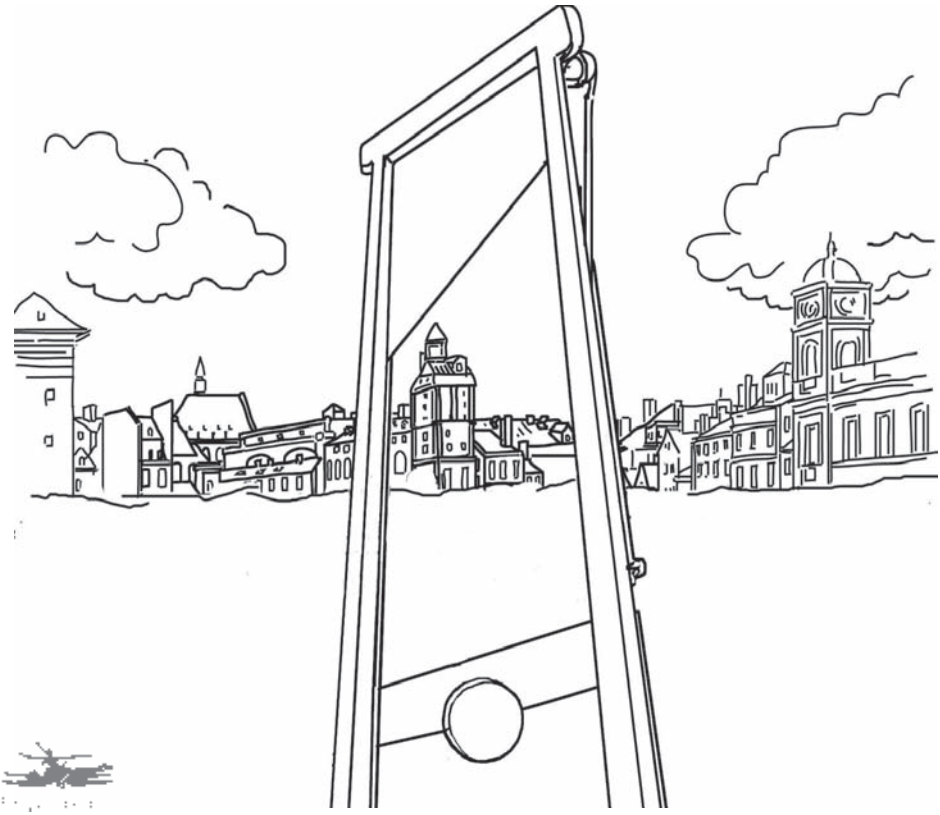
DICKENS

UM CONTO DE DUAS CIDADES



Charles Dickens

Um conto de duas cidades

Tradução
Débora Landsberg

Título original: *A Tale of Two Cities*
© Editora Estação Liberdade, 2010, para esta tradução

Preparação e revisão	Leandro Rodrigues
Assistência editorial	Marcela Kühn
Composição	Johannes C. Bergmann / Estação Liberdade
Ilustração e projeto gráfico de capa	Natanael Longo de Oliveira
Editores	Angel Bojadsen e Edilberto F. Verza

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

D545c
Dickens, Charles, 1812-1870
Um conto de duas cidades / Charles Dickens ; tradução Débora Landsberg. – São Paulo : Estação Liberdade, 2010.

Tradução de: A tale of two cities
ISBN 978-85- 7448-180-7

1. França - História - Revolução, 1789-1799 - Ficção. 2. Paris (França) - História - 1789-1799 - Ficção. 3. Londres (Inglaterra) - História - Século XVIII - Ficção. 4. Ficção histórica inglesa. I. Landsberg, Débora. II. Título.

10-0419. CDD 823
CDU 821.111-3

Todos os direitos reservados à

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 | 01155-030 | São Paulo-SP
Tel.: (11) 3661 2881 | Fax: (11) 3825 4239
www.estacaoliberdade.com.br

SUMÁRIO

Livro Primeiro
DE VOLTA À VIDA

1. A época 11
2. A mala-posta 15
3. As sombras da noite 23
4. A preparação 29
5. A taberna 43
6. O sapateiro 57

Livro Segundo
O FIO DOURADO

1. Cinco anos depois 73
2. Uma visão 81
3. Uma decepção 89
4. Congratulações 105
5. O chacal 113
6. Centenas de pessoas 121
7. Monsenhor na cidade 137
8. Monsenhor no campo 147
9. A cabeça de górgona 155
10. Duas promessas 169
11. Um retrato concomitante 179
12. O homem sutil 185
13. O homem nem um pouco sutil 195

14. O comerciante honesto 201
15. Tricotando 213
16. Ainda tricotando 227
17. Uma noite 241
18. Nove dias 247
19. Uma opinião 255
20. Um apelo 265
21. Passos ecoantes 271
22. O mar ainda sobe 285
23. O fogo sobe 293
24. Atraído pelo abismo 301

Livro Terceiro
O RASTRO DE UMA TEMPESTADE

1. Em segredo 317
2. A pedra de amolar 331
3. A sombra 339
4. Calmaria na tempestade 345
5. O lenhador 351
6. Triunfo 359
7. Uma batida na porta 367
8. Uma partida de carteado 375
9. Jogo encerrado 391
10. A essência da sombra 407
11. Crepúsculo 423
12. Escuridão 429
13. Cinquenta e dois 439
14. Tricô confeccionado 453
15. Os passos cessam para sempre 467

VIDA E OBRA DE CHARLES DICKENS 475

Livro Primeiro

DE VOLTA À VIDA

1

A ÉPOCA

Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos, foi a idade da razão, a idade da insensatez, a época da crença, a época da incredulidade, a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero, tínhamos tudo diante de nós, não tínhamos nada diante de nós, todos iríamos direto ao Paraíso, todos iríamos direto no sentido oposto — em suma, a época era tão parecida com o presente que algumas das autoridades mais ruidosas insistiram que ela fosse recebida, para o bem ou para o mal, apenas no grau superlativo de comparação.

Havia um rei de queixo protuberante e uma rainha de rosto singelo no trono da Inglaterra; havia um rei de queixo protuberante e uma rainha de rosto belo no trono da França. Em ambos os países estava mais claro que cristal que as reservas de pão e peixe dos lordes do Estado, bem como seus bens em geral, já estavam garantidos para toda a eternidade.

Corria o ano de Nosso Senhor de 1775. Revelações espirituais foram concedidas à Inglaterra naquela época em especial, assim como acontece atualmente. A senhora Southcott tinha alcançado seu abençoado vigésimo quinto aniversário e sua sublime aparição fora anunciada por um soldado profético da Guarda Real quando este declarou que já haviam sido feitos planos para a destruição de Londres e Westminster. Até mesmo o fantasma de Cock-lane estava enterrado havia apenas uma dúzia de anos, depois de apregoar suas mensagens, assim como

fizeram os espíritos desse último ano (sobrenaturalmente desprovidos de originalidade), que apregoaram as deles. Contudo, meras mensagens na ordem terrena dos acontecimentos haviam chegado aos ouvidos da Coroa e do povo inglês, oriundas de um congresso de súditos britânicos na América: um fato que, é estranho observar, revelou-se mais importante para a raça humana que quaisquer comunicados já recebidos através dos covardes da linhagem de Cock-lane.

A França, em geral menos favorecida em questões espirituais que sua irmã de escudo e tridente, rolava suavemente morro abaixo, produzindo e gastando papéis-moeda. Sob orientação de seus pastores cristãos, ela se divertia, além disso, com realizações humanitárias, tais como sentenciar um jovem a ter as mãos cortadas, a língua arrancada com torquês e o corpo queimado vivo, porque ele não se ajoelhara na chuva para honrar uma imunda procissão de monges que passava em seu campo de visão, a uma distância de cerca de cinquenta ou sessenta jardas. É bastante provável que, enquanto aquele sofredor era executado, enraizadas nos bosques da França e da Noruega crescessem árvores já marcadas pelo Lenhador, o Destino, para serem derrubadas e serradas em tábuas, de modo a fazer um certo arcabouço móvel que possuía um saco e uma lâmina, algo que seria terrível para a história. É bastante provável que, nas rústicas latrinas externas às casas de alguns lavradores de terras agrestes nos arredores de Paris, naquele mesmo dia, estivessem protegidas do clima as carroças primitivas, salpicadas de lodo campestre, fungadas por porcos e feitas de poleiro pelas galinhas, já escolhidas pelo Agricultor, a Morte, para serem as carroças que conduziriam os condenados à morte durante a Revolução. Mas aquele Lenhador e aquele Agricultor, embora trabalhassem sem cessar, faziam-no em silêncio, e ninguém ouvia seus passos abafados: preferiam ignorá-los, visto que, caso levantassem suspeitas de que estavam acordados, seriam considerados ateus e traiçoeiros.

Na Inglaterra, mal havia ordem e segurança que justificassem grande bazófia nacional. Audaciosos arrombamentos por parte de homens armados e roubos nas ruas aconteciam todas as noites em plena capital; famílias eram advertidas publicamente para que não saíssem

da cidade sem antes deixar as mobílias nos armazéns dos estofadores por medida de segurança; o ladrão de estradas na escuridão da noite era o comerciante do centro da cidade à luz do dia e, quando reconhecido e desafiado por outros comerciantes, os quais ele detinha disfarçado de "o Capitão", corajosamente lhes dava um tiro na cabeça e ia embora; a mala-posta foi atocaiada por sete ladrões, e o guarda baleou três deles e matou-os, levando em seguida um tiro dos outros quatro e morrendo, "em consequência da falta de munição": depois disso a mala-posta foi assaltada em paz; o magnífico potentado, o Lorde Prefeito de Londres, foi obrigado a se levantar e entregar seus pertences em Turnham Green a um ladrão de estrada, que saqueou a ilustre criatura perante toda a sua comitiva; prisioneiros das cadeias londrinas travaram batalhas com seus carcereiros, e o poder supremo da lei descarregou neles bacamartes munidos de chumbo e balas; ladrões arrancavam cruzes de diamantes dos pescoços de nobres lordes nos salões da Corte; mosqueteiros entravam em Saint Giles em busca de artigos contrabandeados, e a multidão atirava nos mosqueteiros, e os mosqueteiros atiravam na multidão, e ninguém via nesses acontecimentos nada de extraordinário. Em meio a tais ocorrências, o carrasco, sempre ocupado e sempre desastrado, era requisitado com frequência; ora enforcando longas fileiras de criminosos diversos; ora enforcando no sábado o arrombador de casas que fora preso na terça-feira; ora marcando com ferro as mãos das pessoas em Newgate, às dúzias, ora queimando panfletos diante do Westminster Hall; hoje, tirando a vida de um assassino atroz, e, amanhã, a de um larápio ignóbil que roubara seis *pence* do filho de um camponês.

Todos esses fatos e milhares de outros semelhantes ocorreram no ou por volta do velho e querido ano de 1775. Rodeado por eles, enquanto o Lenhador e o Agricultor trabalhavam despercebidos, aqueles dois de queixos protuberantes e aquelas outras duas de rostos singelo e belo caminhavam com bastante agitação, alardeando com arrogância seus direitos divinos. Desse modo o ano de 1775 conduziu suas Majestades e miríades de pequenas criaturas — as criaturas desta crônica, entre outras — pelas estradas que se estendiam diante deles.

2

A MALA-POSTA

Era a estrada de Dover que se estendia, na noite de uma sexta-feira no final de novembro, diante do primeiro dos personagens desta história. A estrada de Dover se estendia também diante da mala-posta de Dover, que subia com dificuldade a colina de Shooter. Ele caminhava colina acima pelo atoleiro, ao lado da diligência, assim como o restante dos passageiros; não porque tivessem algum apreço por caminhadas, considerando-se as circunstâncias, mas sim porque a colina, e os arreios, e o lodo, e a mala-posta, eram todos tão pesados que os cavalos já tinham interrompido a marcha três vezes, além de uma vez terem puxado a carruagem para o outro lado da estrada, com o intuito rebelde de levá-la de volta a Blackheath. Entretanto, rédeas e chicote e cocheiro e guarda, em conjunto, haviam lido aquele artigo do código militar que proibia tal propósito, mas que, de resto, defendia com veemência o argumento de que alguns animais selvagens são dotados de razão; e os animais renderam-se e voltaram ao trabalho.

De cabeças baixas e rabos trêmulos, eles seguiam seu caminho chapinhando a lama densa, debatendo-se e tropeçando de tempos em tempos, como se suas articulações fossem desabar. Sempre que o cocheiro, depois de colocá-los em repouso e fazê-los parar, ordenava que voltassem a andar com um cauteloso "Uo-ho! Avante!", o cavalo mais próximo balançava violentamente a cabeça e tudo que havia sobre ela — como um cavalo excepcionalmente enfático, negando que a

mala-posta poderia ser levada colina acima. Sempre que o guia se agitava dessa forma, o passageiro se sobressaltava, como aconteceria a qualquer passageiro nervoso, e seu espírito era perturbado.

Uma névoa de vapor emanava de todos os vales e, em seu desamparo, vagava colina acima, como um espírito maligno buscando trégua e não a encontrando. A névoa pegajosa e muito fria abria caminho devagar em meio ao ar, em ondas que se seguiam e se sobrepunham visivelmente umas às outras, assim como fariam as ondas de um oceano insalubre. Era densa o bastante para ocultar tudo da luz das lanternas da carruagem, menos seus próprios movimentos e algumas jardas de estrada; e o odor exalado pelos cavalos trabalhadores evaporava junto, como se tudo aquilo fosse causado por eles.

Outros dois passageiros, além daquele primeiro, subiam com dificuldade a colina ao lado da mala-posta. Todos os três tinham os molares e as orelhas agasalhados e usavam botas de cano alto. Nenhum dos três poderia dizer, pelo que vira, como eram os outros dois; e cada um estava escondido de seus dois companheiros por diversos invólucros, quase tantos aos olhos do espírito quanto aos olhos do corpo. Naqueles tempos, os viajantes ficavam muito acanhados em trocar confidências em tão pouco tempo, pois qualquer pessoa que estivesse na estrada poderia ser um ladrão ou estar pactuado com ladrões. Quanto a este último caso, já que todas as estalagens de posta e cervejarias poderiam ser o refúgio de alguém que estivesse a mando do "Capitão", desde um senhorio até o menos estável dos homens de profissão indeterminada, era o mais provável. O guarda da mala-posta de Dover que se esforçava para subir a colina de Shooter pensava nisso, portanto, naquela noite de uma sexta-feira de novembro de 1775, enquanto estava parado em seu posto particular na traseira da mala-posta, batendo os pés e mantendo um olho e uma mão no baú de armamentos que havia à sua frente, onde um bacamarte carregado jazia sobre seis ou oito pistolas grandes carregadas, depositadas sobre uma camada de cutelos.

A mala-posta de Dover encontrava-se em seu estado normal, em que o guarda suspeitava dos passageiros, os passageiros suspeitavam

uns dos outros e do guarda, todos suspeitavam de todos, e o cocheiro não tinha certeza de nada, à exceção dos cavalos, embora fosse capaz de jurar de consciência tranquila sobre os dois Testamentos que estes não estavam aptos para a jornada.

— Uo-ho! — disse o cocheiro. — Avante! Só mais um impulso e chegarão ao topo, e depois malditos sejam, pois já me deram muito trabalho para conseguir fazê-los chegar até aqui! Joe!

— Olá! — respondeu o guarda.

— Que horas são, Joe?

— Já passam dez minutos das onze horas.

— Maldição! — o cocheiro bradou irritado. — E ainda não chegamos ao topo de Shooter! Tsc! Eia! Sigam avante!

O cavalo decidido, tendo sua veemente negativa interrompida pelo açoite, reagiu avançando de modo decidido, e os três outros cavalos seguiram seu exemplo. Mais uma vez, a mala-posta de Dover persistiu, com as botas de seus passageiros chapinhando a seu lado. Pararam quando a carruagem estacou e continuaram perto dela. Se algum dos três tivesse cometido a temeridade de propor ao outro que andasse um pouco à frente, por entre a névoa e as trevas, seria bastante possível que imediatamente levasse um tiro sob a suspeita de que se tratasse de um ladrão de estrada.

A última arrancada levou a mala-posta ao topo da colina. Os cavalos mais uma vez pararam para tomar fôlego e o guarda saltou da carruagem com a intenção de travar a roda para a descida e abrir a porta para que os passageiros entrassem.

— Tsc! Joe! — berrou o cocheiro em tom de advertência, olhando para baixo de sua boleia.

— O que lhe parece, Tom?

Ambos aguçaram os ouvidos.

— Parece-me que um cavalo está subindo a meio-galope, Joe.

— Eu digo que um cavalo sobe a galope, Tom — retorquiu o guarda, largando a porta e voltando com agilidade ao seu posto. — Cavalheiros! Em nome do rei, todos vocês!

Ele pegou o lampião, atravessou os dois ambientes que separavam as salas e abriu a porta. Um rude estrépito de passos no assoalho, e quatro homens brutos de barretes vermelhos, armados com sabres e pistolas, adentraram o aposento.

— O cidadão Evrémonde, conhecido como Darnay — disse o primeiro.

— Quem o está procurando? — respondeu Darnay.

— Eu o estou procurando. Nós o estamos procurando. Eu o conheço, Evrémonde; eu o vi hoje diante do tribunal. O senhor é novamente prisioneiro da República.

Tradução de Débora Landsberg

ISBN 978-85-7448-180-7